

ARTES Grupo volta a se movimentar e colhe adesões para abaixo-assinado que será entregue à ministra Marta Suplicy, em agosto

Artistas retomam luta por museu

MARIA SALAS

Mesmo com as negativas, a criação de um Museu de Arte Mogiana (MAM) de Mogi das Cruzes não deixou os planos dos artistas plásticos da Cidade. Dois anos após iniciar a mobilização, a classe ganhou a parceria do movimento "Voz das Artes nas Ruas", que nasceu na internet para apoiar as ações políticas e culturais da Região da Grande São Paulo. No momento, o grupo promove um abaixo-assinado, que já conta com aproximadamente 300 assinaturas, para apresentar o projeto ao governo federal.

Apresentado em outubro de 2011, pelo Centro Cultural Antonio do Pinhal, também na internet, a ideia inicial era transformar o deteriorado prédio da antiga Telefônica – hoje Vivo –, instalado na área central, no MAM. A missão do movimento é colher duas mil assinaturas para entregar nas mãos da ministra da Cultura, Marta Suplicy, segundo o artista plástico Enzo Ferrara, criador do "Voz das Artes nas Ruas", ao lado de Thiago Santana. "A nossa proposta é apresentar o projeto ao Ministério da Cultura, no departamento Mais Museus. Já enviamos uma carta aberta endereçada à presidente Dilma (Rousseff), à própria ministra Marta e ao senador Eduardo Suplicy. Se conseguirmos colher essas assinaturas, vamos agendar uma reunião com a ministra, ainda no mês de agosto", explica Ferrara.

Uma manifestação está sendo programada para o começo de agosto, com o objetivo de conseguir 1,3 mil assinaturas que faltam.

Para o artista, não importa se o local será ou não no antigo prédio da Telefônica, atualmente, segundo ele, subutilizado pela Vivo. "Estamos abertos a possíveis negociações, desde que o espaço seja ideal para servir como ponto de cultura para a população de Mogi e Região. E estamos esperançosos de que o Município, enfim, irá ganhar um museu de verdade", frisa.

Um Museu de Arte promove benefícios não apenas para a produção cultural das dez cidades do Alto Tietê, mas pode servir como polo turístico, para movimentar a economia local. "Internamente, o museu conserva obras de arte, promove o acesso, faz pesquisas, descobre talentos e realiza exposições. Temos a informação de que muitas obras de arte, valiosas, estão embolorando no acervo guardado no Casarão do Carmo e não estão acessíveis à população exatamente por falta de espaço e do interesse do poder público", afirma.

Hoje, acrescentou ele, "os artistas são obrigado a expor em locais alternativos como restaurantes, agências bancárias e na rua, debaixo de sol e chuva, isso é muito humilhante para quem produz".

Ferrara conta que guarda em seu ateliê aproximadamente 200 obras antigas, e que necessita de um local apropriado para serem armazenadas e condicionadas em ambiente seguro e adequado. Dentre as peças, diz ele, há uma datada do século XIX.

Outros artistas abraçaram a luta pela construção do MAM, desde 2011, quando a proposta foi lançada. De lá para cá, apesar das tentativas, o grupo ainda não conseguiu sequer um encontro com os representantes da Vivo, que subutiliza o prédio. Procurada em outras oportunidades, a empresa não detalha planos sobre uso da propriedade, onde apenas um dos andares é franqueado ao público.

A localização e as características do prédio pesaram na escolha dos artistas que realizam mostras em espaços inadequados (veja matéria nesta página).

Os interessados em participar do abaixo-assinado em prol do museu podem comparecer ao espaço de beleza, Belezinha que fica na Rua Navajas, 50, Shangai, telefone 3374-1088. Durante o mês de agosto o grupo ainda irá para as ruas coletar assinaturas.



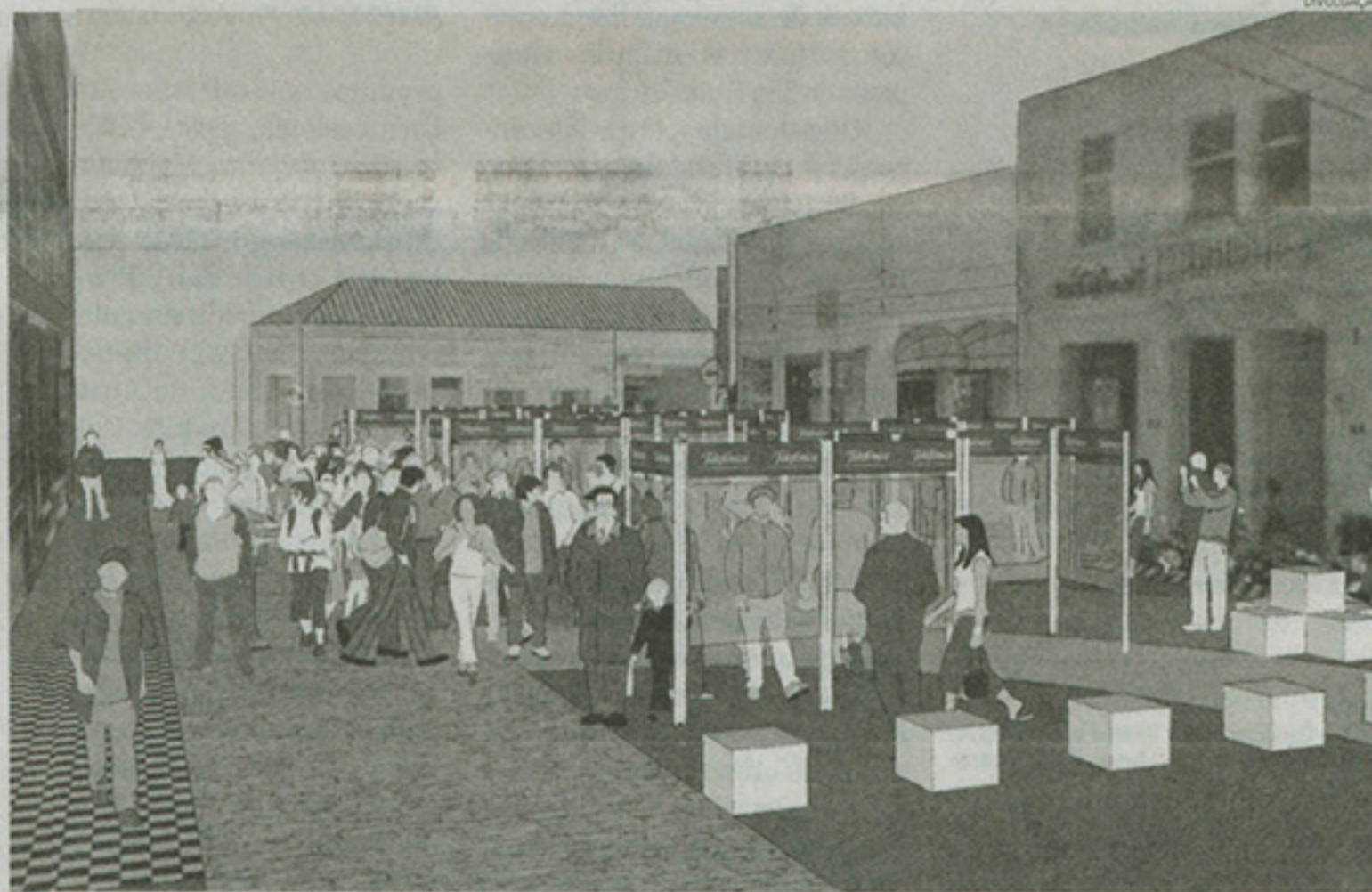
SEM RESPOSTA Após dois anos, artistas mogianos retomam a mobilização para transformar prédio da antiga Telefônica em Museu de Arte

Projeto prevê uma Praça das Artes

Transformar o início da Rua Padre João, no Centro, em frente ao prédio da antiga telefônica – hoje VIVO – em uma Praça das Artes faz parte de um projeto elaborado pelo Centro Cultural Antonio do Pinhal. O local, de acordo com o arquiteto Paulo Pinhal, seria ideal para abrigar diversas manifestações artísticas, culturais e folclóricas. "Em época de festas, como a de Santana, por exemplo, o espaço poderia sediar atividades relacionadas a essa festividade. Em período de Festa do Divino Espírito Santo, também", sugere Pinhal.

A intervenção, comenta ele, teria de ser feita por meio de um fechamento da área e a colocação de painéis removíveis, de acordo com as atividades. Ele pensou ainda no tráfego de veículos, que ocorreria por meio de um tráfego calmo, ou seja, os carros continuariam passando pela via, entre a Rua Dr. Paulo Frontin e a Padre João, mas a prioridade seria para o pedestre.

Pinhal explica que essa ideia também nasceu em outubro de 2011, mesmo período em que foi lançada a proposta de criação do Museu de Arte Moderna (MAM) de Mogi. A sugestão, frisa o arquiteto, é que no local fosse feita uma "praça seca": "Seria um espaço totalmente livre, ou podemos dizer um largo urbano, onde poderiam haver atividades



ATRASSO Nerival Rodrigues vê 60 anos de atraso: halls são endereços de mostrar por falta de um museu

de múltiplo uso, de acordo com uma programação preestabelecida". O arquiteto dá alternativas para o uso desse espaço público. "Fariamos o cadastro dos artistas, que teriam direito a retirar um painel de alumínio com policarbonato, que serviria de suporte para a exposição de seus trabalhos, bem como cubos de madeiras, que seriam utilizados como suporte para as esculturas", diz. "A exposição ocorreria em horário preestabelecido, e no final da jornada,

esses materiais seriam devolvidos ao museu, deixando a praça livre para outras atividades públicas".

De acordo com ele, o projeto foi apresentado à Prefeitura de Mogi e à Secretaria Municipal de Cultura, mas ainda não houve um interesse. "São propostas que damos como forma de utilizar bem os espaços e melhorar o cenário urbano. Além do que, o local seria bem útil para que os artistas não tivessem de expor suas obras em espaços alterna-

tivos. Essa é a contribuição que posso dar para o desenvolvimento cultural da minha Cidade".

O fato de aproveitar o espaço análogo ao MAM, ressalta Pinhal, seria uma forma de aproximar o público que não está acostumado a frequentar museus e que circula pela região central, o que proporcionaria um contato maior com a arte.

Questionada, a Prefeitura de Mogi não se posicionou sobre o assunto. (M.S.)

Trecho de rua viraria uma Praça de Arte

A proposta da criação do Museu de Arte Moderna (MAM) de Mogi nunca esteve tão bem articulada como está agora. Mesmo assim, a Secretaria Municipal de Cultura esclarece que, desde o final de dezembro de 2011, vem tentando contato com a Vivo, antiga Telefônica, proprietária do imóvel. "A empresa, contudo, não deu retorno", diz a nota enviada pela Coordenadoria de Comunicação da Prefeitura de Mogi, em resposta ao pedido de entrevista com o secretário municipal de Cultura, Mateus Sartori.

Ainda segundo a nota, um representante da Pasta teria se reunido com o grupo que pede a instalação do Museu para explicar a situação e aguarda um diálogo e possíveis negociações com a proprietária, que já está ciente do projeto e das intenções do Município.

O artista plástico Enzo Ferrara, por sua vez, diz que as conversas não tiveram grandes avanços. "Com o prefeito [Marco Bertaiolli (PSD)] parece não ter diálogo. Vou tentar falar na reunião que o COMUC [Conselho Municipal de Cultura] marcou para o dia 2 de agosto no gabinete dele, mas não é garantido que eu vá ter a oportunidade de falar", afirma.

Atento aos passos do grupo que luta por um MAM na Cidade, o deputado federal Junji Abe (PSD), que acompanha a iniciativa pelas redes sociais, se prontificou a colaborar, caso a Prefeitura decida por levar o projeto adiante. "Qualquer ação que ele vá empreender depende do aval da Prefeitura. Da última vez que o assunto veio à tona, o prefeito disse que preferia priorizar a cessão de outra área, mas continuo à disposição", afirma nota encaminhada pela assessoria do deputado.

Para o artista Nerival Rodrigues, que em agosto próximo comemora 45 anos de carreira, a Cidade se desenvolve em todos os sentidos, mas está há "60 anos atrasada" quando o assunto é Cultura. "Não termos um museu digno de guardar telas, como a de artistas renomados, dentre eles Akino Nakatani, Mestre Chang, Miguel Barros e Alfredo Volpi, é inadmissível, se for levar em consideração quão rica a Cidade é no segmento cultural. Isso faz parte da história do Município. Nós não podemos ficar limitados a espaços como hall de prédios ou corredores de centros comerciais e tendo de pintar apenas telas temáticas, tudo isso impede o nosso processo de criação. Temos de lutar, sim, pelo MAM e estamos perto de realizar esse sonho", destaca. (M.S.)